

# Hillman revendo Hillman: Polêmica e Paranóia

Marcus Quintaes

*ABSTRACT: This article attempts to recover the intellectual trajectory of James Hillman, analyzing the diverse steps of his intellectual journey and attempts to emphasize the extremely mercurial character that characterizes his writing. Starting with the furious potential of his ideas and arguments, Hillman attempts to articulate a thought that is free, multiple, slippery and plural that resists being captured in any attempt to unify or define a prevalent direction. In this way, I try to demonstrate that the reverse side of the rhetoric which sustains the multiplicity of archetypal psychology is a singular and unifying “tyranny of one” which characterizes the rationale of paranoia.*

“ Acredito na minha raiva. É o meu demônio favorito.  
Ficar bravo e escrever caminham juntos.”

**James Hillman**

Quero começar com três imagens.

Em recente entrevista concedida ao jornal da Associação Internacional de Psicologia Analítica ( em número especial dedicado à comemoração dos seus 50 anos de existência), perguntado sobre em que momento percebeu que havia inovado com suas idéias e livros o curso do pensamento junguiano, James Hillman respondeu:

Meu entendimento sobre isto não cria um quadro confortável para esta situação. Eu não decidi em certo ponto “ inovar”. Eu não previ isso. Eu não sou prudente. Eu trabalho a partir da raiva quando algo se sente insultado. Quando eu ouvi Von Franz atacando o “ Puer Aeternus” em suas palestras nos anos 50 e Esther Harding criticando a inércia a favor do herói matador de dragões de modo tão moralístico e Eric Neumann falando e falando sobre a “ Grande Mãe” até você se sentir engolido por tudo aquilo, e outras palestrantes agredindo Freud, e toda aquela atmosfera de professores elogiando a terra, a tradição e a introversão, eu me senti insultado. Eu era o Puer, eu vim de Atlantic City, New Jersey, onde terra não há mais. Todo este moralismo era ofensivo à uma vida que eu conheci anteriormente na Índia, em Paris, Dublin e entre todo o tipo de pessoas extraordinárias.

Meu amigo Robert Stein foi para Londres em 1957 para fazer um período de análise por lá, ele voltou destruído pelo quadro transferencial e pela opressão à sua espontaneidade e a sua loucura. Eu estava insultado - Furioso! O primeira palestra que escrevi e apresentei oficialmente foi em Londres para o Clube Junguiano de Londres no início dos anos 60. Ela se chamava “ Amigos e Inimigos”, e defendia a idéia de que você não possui amigos se você também não tiver inimigos e que a amizade é uma das mais antigas emoções que nós conhecemos , que precede a própria transferência sendo assim é mais arquetípica. (...) Isto é uma inovação mas surgiu apenas porque eu estava furioso, com raiva e queria destruir algo. Desta perspectiva, tudo que eu tenho sido nasce desta necessidade de destruir. ( Hillman, IAAP Newsletter 26, 2006, p. 191)

Em outro texto, chamado “ *Back to Beyond – On Cosmology*””, Hillman revela:

Marte me guia mais que Saturno, Hermes mais que Atená.  
Me sinto claustrofóbico quando submetido a generalizações e leis e grito “ paranóico” quando sou requisitado a entrar em algum sistema unificador.  
( Hillman, 1989, p.218)

Em seu ultimo livro “ *The terrible love of war*” , sem duvida o mais confessional de todos os seus 27 livros, Hillman escreve:

Reconheci recentemente ser um “filho de Marte”, algo semelhante ao modo como os humanistas da renascença descreviam certos personagens básicos com nomes dos deuses planetários. Uma afinidade com a teoria marcial do Deus da guerra é natural em meu método. Meu caminho na vida e minha maneira de ser atrai inimigos. Eu gosto de estimular oposições e incendiar as paixões do pensamento. Tenho prazer em destruir estupidez. ( Marte encontra idiotas em todo lugar por ser ele próprio tão idiota). É como se houvesse uma necessidade inata de se estar em guerra, como se eu tivesse que desempenhar o papel de Heráclito e não somente considerar suas palavras como “cosmologia grega antiga”.  
Conseqüentemente a guerra se tornou minha primavera constante, meu abril, meu mês de Marte.  
( Hillman, 2004, p.111)

E continua:

Escrever livros, para mim é muito parecido com uma campanha militar.  
Eu confesso abrir meu caminho á força utilizando metáforas militares. Há uma estratégia, um conceito geral, e existem táticas por todo o caminho. Quando impedido de prosseguir não cave uma trincheira; continue

seguindo adiante. Não fique obcecado em eliminar uma fortaleza de um golpe só ou forçando-a a se desviar. Isole-a que ela cairá sozinha. Não entre em batalhas com as vozes interiores de sabotadores, críticos ou adversários. Uma pequena batalha, uma chuva de flechas, tudo isto irá desaparecer no próximo parágrafo. Camufle suas fraquezas, sua falta de reservas se exibindo ostentadamente em desfiles ao som de clarinetas --- lembre-se todos são tão vulneráveis quanto você. Saqueie o galpão de idéias, recupere materiais antigos para reforçar suas linhas. Abandone o terreno que não pode explorar, mas quando lançar um problema avance todo o território que puder.

(...)este desafio permanece em minha vida, devido a minha estória de orgulho e prazer, sou um velho veterano em desfile cujas guerras foram sempre “somente” psicológicas.

( Hillman, 2004,p.15)

Fiquemos com as imagens, como propõe a regra única da Psicologia Arquetípica: raiva, insulto, fúria, inimigos, destruir, guerra, Ares, Marte. Este é James Hillman.

Um homem que se configura como um pensador que prefere a paixão violenta das guerras pelas idéias a um pacifismo ingênuo e passivo que acaba por esterilizar e embotar o pensamento. Ao lermos com cuidado e atenção aos escritos de Hillman, podemos afirmar que se a Psicologia Arquetípica pressupõe a existência de um ou mais Deuses, uma psicologia politeísta, ela necessariamente sustenta que a paz, enquanto condição de estabilidade e segurança, se encontra seriamente ameaçada.

Considerar a possibilidade de vários Deuses, isto é, o politeísmo, implica numa proposta de afirmação da tolerância das diferenças e da aceitação das diversidades representadas pelos próprios Deuses. Politeísmo é condição de polêmica. O discurso politeísta é regido pela retórica da polêmica e será caracterizado pela fuga e evitação de qualquer tipo de pensamento marcado por desejos de totalitarismo e unificação em torno de um único centro, um único modo, um único discurso ou uma única verdade.

Aonde impera um único Deus, não há espaço para a polêmica. O monoteísmo, o culto exclusivo a um único Deus se confunde com narcisismo e como já bem o disse Caetano Veloso: “ É que Narciso acha feio o que não é espelho”. Abandonar a miragem narcísica do espelho, espaço onde as diferenças são subtraídas e apagadas, e adentrar no campo rico e fértil das diversidades do outro, esta pode ser considerada como uma das intenções da Psicologia Arquetípica de James Hillman.

Politeísmo é considerar o outro em sua radical diferença. É diálogo com a alteridade e a polêmica é uma das formas que este diálogo pode assumir. Neste sentido, polemizar é

afirmar identidade, é não se submeter aos desígnios do outro, é condição da individuação. Polemizar é declaração de guerra ao mesmo, é provocação de atrito, polemizar é criar resistências.

Penso que Hillman e a Psicologia Arquetípica se fazem herdeiros diretos do pensador pré-socrático Heráclito quando em um de seus fragmentos afirma: “ Polemos é o pai de todas as coisas”.

Deixemos nos guiar por estas idéias: polêmica como ruptura. polêmica como transgressão. polêmica como fundação. polêmica como gesto inicial.

Se formos observar a história da Psicologia Arquetípica, iremos perceber que se alguém possui a arte e a retórica da polêmica, este é sem dúvida, James Hillman.

O estilo de Hillman se assemelha a potência furiosa de um ácido. Um ácido que escorre marcando o caminho por onde passa, corroendo as superfícies, equivocadamente planas e reluzentes, cravando sulcos, abrindo fendas, aflorando as dobras, destruindo para criar. Em Hillman e em seus escritos, conjugam-se um panteão de possibilidades míticas. Da violência argumentativa de Ares ao senso estético de Afrodite, das armadilhas intelectuais de Hermes ao aspecto nômade e errante de Dioniso, do amor erótico pelas idéias ao caráter apolíneo de sua erudição. Seus textos são cenários e paisagens por onde desfilam os Deuses que compõe o seu particular politeísmo.

Desde a sua saída intempestiva do Instituto Jung em Zurique, onde foi diretor do centro de estudos durante dez anos, Hillman vêm colecionando calorosos embates polêmicos com diversas figuras do mundo junguiano e, sem dúvida, com a própria comunidade junguiana. A relação entre Hillman e os junguianos é marcada por algo que poderíamos definir como de uma extrema tensão delicada. Por parte da comunidade junguiana, a obra de Hillman é vista sempre com desconfiança e reservas. É explícita a tentativa de isolar seu pensamento e desta forma tentar diminuir e despotencializar seu impacto. Um dos motivos que possam justificar este atitude frente à Hillman e aos seus escritos , talvez, seja a de que ele certamente abala violentamente algumas certezas que os junguianos arduamente se esforçam para preservar.

Uma dos principais objetivos da Psicologia Arquetípica de James Hillman é levar o trabalho e o pensamento de Jung para além dos pequenos círculos de iniciados e dos institutos de formação clínica, a fim de adentrar e dialogar com as principais correntes

intelectuais de nossa cultura. A Psicologia Arquetípica encontra na tradição intelectual pós-moderna uma grande interlocutora para seus interesses. Hillman ao longo de sua obra dialoga com Heidegger, Nietzsche, Bachelard, Freud, Deleuze, Levinás. Em várias entrevistas, menciona os trabalhos de Foucault, Derrida e Lacan. Independente de concordar ou não com o ponto de vista destes autores, o importante é o fato de saber que são referências lidas e trabalhadas pelo próprio Hillman. Nos últimos anos, Hillman vêm se apresentando como um “terapeuta das idéias”, alguém que trabalha mais com teorias e idéias do que com clientes ou casos clínicos, e para um analista clínico que possui sua atenção e interesse apenas no campo da prática clínica, com pouca disposição para as aventuras do pensamento filosófico, sem dúvida, Hillman pode se tornar um nome incômodo.

Hillman coleciona uma série de polêmicas com personagens do mundo junguiano. Polemizou com Rafael Lopes-Pedraza, um dos pais junto a ele da psicologia arquetípica, com Carl Meier, famoso e tradicional analista clássico junguiano (descrito por Hillman como seu “inimigo preferido”), com Richard Noll e Wolfgang Giegerich. Quero me deter na famosa polêmica com Giegerich, pois é através dela que poderemos entender com mais clareza que o ato de polemizar, condição fundamental do politeísmo, não significa em momento algum o cancelamento da existência do outro, e sim a convivência com a diversidade.

Em Julho de 1992, foi realizado o primeiro festival internacional de psicologia arquetípica em homenagem à James Hillman. O evento ocorreu na universidade de Notre Dame e reuniu cerca de 500 pessoas entre analistas junguianos, artistas, filósofos, estudantes e escritores a fim de examinar obra de Hillman e sua influência nos campos da cultura, da arte, da política, da cidade e da psicoterapia. Me baseio aqui na importante e bela resenha deste evento realizada por Pamela Donleavy, membro do C.G.Jung Center- Philadelphia no Journal “The Round Table Press – Review of Contemporary contributions to jungian psychology” (1993).”

Na abertura do festival, Hillman disse que esperava ansioso pela oportunidade de estar juntos durante uma semana em uma comunidade em torno da alma, desde que a prática da psicologia tinha um efeito insidioso de criar um isolamento, fazendo com que permanecêssemos nos “guetos brancos da mente observadora”.

Hillman desafiou os participantes a transgredir, a fazer um chamado por Dioniso. Convocou os participantes a ir além do que é usualmente correto e o modo que encontrou para atingir seu objetivo foi fazer da pornografia o tema principal da sua palestra de abertura do festival. Um dos principais momentos do Festival, e com certeza, também um dos mais polêmicos foi a participação do analista junguiano Wolfgang Giegerich. Se Hillman fêz o convite para irmos além do “usualmente correto”, Giegerich não se fez de rogado e iniciou sua palestra intitulada “ *Killings: Psychology’s Platonism and the Missing Link to reality* ”, perguntando se a psicologia arquetípica é de fato uma psicologia com deuses ou “a falação de deuses na psicologia arquetípica é só um tipo de jargão glamurizante, fundamentalmente afastado daquela realidade a que antes se referia pelas palavras “Deuses”?

Giegerich argumenta que não se pode desistir de fazer sacrifícios de touros e , ainda assim, continuar a afirmar que se acredita em Zeus.

Ao se fazer um festival celebrando os Deuses, é necessário uma matança sacrificial , pois é esta que traz a presença divina que transforma o dia em um dia festivo ou sagrado.

É esta a polêmica questão que Giegerich traz a ser considerada: Pode haver sacrifícios sem matança? Sua crítica se refere ao fato e a contestação de que a psicologia arquetípica reduziu a experiência do sacrifício a uma simples metáfora, a um mero símbolo. Ele alerta que sem sacrifícios , isto é, sem a matança de algo real, a psicologia arquetípica irá inevitavelmente permanecer naquilo que ele chama de uma “bolha de irrealidade”.

A palestra de Giegerich causou uma enorme polêmica no festival. Vários participantes queriam discutir as questões levantadas pelo tema proposto por Giegerich, enquanto que por outro lado, os organizadores do festival optaram por seguir com a programação oficial.

Em várias palestras seguintes, o que se ouvia eram gritos vindos da platéia dizendo: “queremos discutir as questões que Giegerich apresentou!”. Alguma coisa havia sido constelada e os organizadores do festival ao invés de ficarem com a regra número um da psicologia arquetípica – ficar com a imagem – optaram por ficar com a programação oficial e não abrir espaço para a discussão das questões suscitadas pela palestra de Giegerich. Entretanto, para muitos que participaram do festival, a verdadeira vítima sacrificial do festival foi o próprio Hillman. Neste evento, Hillman , o polêmico por excelência, prova do seu próprio veneno. Agora, ele é alvo de uma polêmica. Um mês após a realização do

evento, Hillman enviou uma carta a todos os participantes onde apresentava a sua opinião frente as várias divisões que se apresentaram no festival.

Diz Hillman:

Penso que estas divisões derivam em parte dos múltiplos lados que compõem o background politeístico da psicologia arquetípica. Elas nos convidam para um pandemônio.

Queria sublinhar as expressões que Hillman utilizou: divisões, múltiplos lados, politeísmo.

Porém, a resposta definitiva dada por Hillman a este polêmico episódio despertado por W.Giegerich só irá aparecer dois anos mais tarde. Em 1994, Hillman publica seu artigo “*Once more into Fray*”, onde usa de toda a sua ironia , erudição e refinada qualidade literária para desconstruir e responder a cada uma das acusações que Giegerich havia feito à psicologia arquetípica. O seu principal argumento é que Giegerich se deixou enganar por três falácias fundamentais: a falácia dos modelos históricos, a falácia ontológica e a falácia do concretismo.

O debate prossegue com a réplica de Giegerich ao artigo de Hillman e também com a publicação de seu último livro chamado “*The soul’s logical life*”, uma severa e consistente crítica aos métodos da psicologia arquetípica.

Entretanto, é fundamental destacar o fato de que Hillman e Giegerich , apesar das divergências que o caracterizam, são profundos amigos e fecundos colaboradores da psicologia arquetípica. O debate ocorre no campo da idéias, não há nenhuma intenção de se pedir fidelidade ao pensamento do fundador. Afinal, o que significa ser leal a alguém no campo das idéias. Pensar politeísticamente é deslizar por vários lugares distintos, ocupar novas posições e criar lugares inéditos a serem ocupados.

Porém, continuemos nosso caminho nos perguntando: qual o percurso deste polêmico pensador? Se temos cem anos de psicoterapia e o mundo continua pior, temos oitenta anos de Hillman, e podemos dividir sua imensa obra em quatro momentos específicos. Vou utilizar aqui uma divisão proposta por David Tacey, num artigo chamado “*Twisting and Turning with James Hillman: From Anima to Word Soul, from Academia to Pop*”. David Tacey é professor de literatura na La Trobe University em Melbourne – Australia e durante

vários anos foi analisando de Hillman , durante o período em que permaneceu estudando e trabalhando em Dallas – Estados Unidos.

Esses quatro momentos são:

1º momento: Hillman como um analista Junguiano. Diretor de estudos pelo C.G.Jung Institute em Zurique durante 10 anos (59-69) e já, nesse momento, autor de inúmeros trabalhos onde já demonstrava todo o seu imensamente vigoroso e articulado pensamento. Hillman, nessa época, já evidenciava toda sua originalidade que o destacava dentro dos limites da psicologia Junguiana clássica. É dessa época as seguintes publicações de Hillman: *“Emotion”*; *“Suicídio e Alma”*; *“Psicologia e Religião: uma busca interior”*. É pertencente a esta época também, um episódio sombrio na história da psicologia analítica que vem à tona recentemente num livro chamado *“The Jungians – A Comparative and Historical Perspective”*, de autoria do analista Junguiano Thomas Kirsch. Ele faz neste livro uma análise histórica e em perspectiva do surgimento do movimento Junguiano desde as suas origens. Menciona o polêmico episódio envolvendo Hillman, devido ao envolvimento sexual que ele teve com uma paciente, e de como esse episódio que culminou com a saída de Hillman de Zurique mobilizou todo o Instituto C.G.Jung.. Evidenciou-se uma divisão latente que já existia no Instituto: de um lado, Jolande Jacobi e outros pedindo a expulsão de Hillman, e de outro lado, uma grande parcela do Instituto Jung, que defendia Hillman, inclusive o próprio presidente do Instituto na época, Franz Riklin.

É o próprio Franz Riklin que para defender a permanência de Hillman no Instituto traz à cena novamente a figura de Jung , fazendo referência ao envolvimento que o próprio Jung também teve com uma paciente sua, a famosa Toni Wolff, episódio este ainda por muitos relegado a sombra da história da psicologia analítica.. Thomas Kirsch defende a idéia de que mais importante do que ter havido uma punição a Hillman , o que deveria ser privilegiado era o debate das questões éticas e clínicas que este caso suscitava. Kirsch continua o seu relato afirmando que toda esta polêmica foi extremamente severa e árdua com Hillman , o que fez com que o próprio se recusasse a permanecer como diretor de estudos do Instituto e também na própria cidade de Zurique. Faz-se importante mencionar que Hillman, posteriormente, vêm a se casar com esta ex-paciente que se chama Patricia

Berry, e que se torna, posteriormente, uma das mais famosas teóricas da Psicologia Arquetípica.

2º momento: Hillman e a Psicologia Arquetípica – a criação da Psicologia Arquetípica.

Uma profunda revisão do pensamento Junguiano. Verdadeiramente, o primeiro movimento pós-Junguiano consistente a surgir. O aparecimento de importantes inovações teóricas ao invés da repetição estéril do mesmo. Vale destacar aqui, que me parece que James Hillman e Michael Fordhan foram, indubitavelmente, os dois grandes inovadores e pensadores originais do pensamento pós-Junguiano.

As grandes obras de Hillman nesse período: *“Re-Visioning Psychology”*, *“The Dreams and the Underworld”*, *“Healing Fictions”* e *“O Mito da Análise”*.

Nesse momento, há toda uma aproximação de Hillman com o movimento Pós-Moderno, ou seja, com o privilégio da questão da pluralidade e da multiplicidade; da fragmentação, a renúncia a meta-discursos e a narrativas totalizantes. Hillman se afasta da leitura metafísica dos arquétipos e de seu essencialismo; propõe a Fenomenologia como um método de lidar com as imagens. Se a regra de ouro da Psicanálise é a associação livre, Hillman segue as orientações de Rafael Lopez-Pedraza ao dizer que a regra de ouro da Psicologia Arquetípica é ficar com a imagem

Nesse mesmo período, publica três artigos fundamentais na Revista Spring sobre a questão das imagens: *“Inquiry into Image”* (77), *“Further notes on Images”* (78) e *“Image-Sense”* (79). Nestes artigos, que já se tornaram clássicos dentro da literatura da Psicologia Arquetípica, Hillman irá propôr uma nova conceituação do termo “arquetípico”, priorizando mais o seu aspecto adjetivo do que substantivo. Arquetípico irá ser pensado como um valor, um atributo, algo que se faz com a imagem, uma qualidade que se confere à imagem. Pensar e considerar a noção de “Arquetípico” a partir desta perspectiva é renunciar a qualquer tentativa de se ter uma lista pré-estabelecida de imagens arquetípicas ou não, a qualquer tentativa de significação apriorística e universalizante existente como por exemplo nos dicionários de símbolos.

Textos fundamentais onde Hillman busca, cada vez de modo mais radical e consistente, desconstruir a noção usual de imagem como a escola clássica junguiana tende a trabalhar. Ele propõe uma revisão teórica, deslocando a questão do trabalho com a imagem da perspectiva visual para a apreciação e ética literária. O trabalho com as imagens é literário e

não literal. Há um esvaziamento da busca de origens ou padrões formadores ou das estruturas denominadas arquétipos, a favor do elogio e do privilégio do fenômeno, a imagem. Uma clínica das imagens não se confunde com uma clínica dos arquétipos. Esta é a proposta da Psicologia Arquetípica: Relação imaginativa e ética frente as imagens, atribuindo a elas um valor adjetivo de arquetípicas. Para além da tendência essencialista, normativista, a-histórica e uniformizante da teoria dos arquétipos, optamos pela primazia das diferenças, da particularidade, do contexto, da trama que as imagens nos apresentam. Nesse mesmo período, Hillman demonstra um imenso interesse pela Universidade e pela tentativa de levar o discurso da Psicologia Arquetípica para dentro da Academia. Ela leciona nas Universidade de Yale, Chicago, Syracuse e Dallas. O interesse pelo pensamento apresentado por Hillman, nessa época, vai se dar, exatamente, por pensadores Junguianos que vão estar diretamente ligados ao pensamento contemporâneo, ao pós-modernismo e a questão da linguagem. Cito alguns: Michael Vannoy Adams – analista Junguiano que busca fazer comparações e analogias entre a Psicologia Arquetípica e a filosofia da Desconstrução, estabelecendo semelhanças entre as idéias de James Hillman com as idéias do filósofo francês Jacques Derrida. Michael Vannoy Adams defende a posição de as idéias que sustentam a Psicologia Arquetípica muito se aproximam do exercício filosófico de desconstrução como proposto por Derrida.

Paul Kugler é outro analista Junguiano que se utiliza amplamente das idéias de Hillman para ampliar o seu interesse na abordagem da questão da linguagem a partir de uma perspectiva arquetípica. É no seu livro: *“The Alchemy of Discourse”*, originalmente sua tese de formação no Instituto C.G.Jung em Zurique, que Paul Kugler irá trabalhar com o pensamento de Jung e Hillman buscando uma aproximação, também junto as idéias de Jacques Lacan, para se aprofundar na questão do estudo da relação entre inconsciente e linguagem. Outros importantes nomes de destaque neste momento são David Miller, por seu prolongado e rigoroso interesse na questão do pós-modernismo e Edward Casey, por seu estudo sobre a fenomenologia dos lugares apoiado na fenomenologia de Heidegger. Ambos inseparáveis companheiros de Hillman na tentativa de alargar os horizontes da Psicologia Arquetípica para além dos estreitos círculos da psicologia analítica.

Logo, são estes os pensadores que vão buscar em Hillman, pontos de articulação, pontos de convergência entre a Psicologia Arquetípica e o pensamento contemporâneo vigente no momento.

3º momento: é o momento da Anima Mundi, uma nova reviravolta no pensamento de Hillman. Caracterizada pelo forte resgate da idéia Neo-platônica de Anima Mundi. A criação de um discurso eco-político e um ataque inovador e furioso de Hillman ao aspecto subjetivo e intra-psíquico existente em todas as psicoterapias. Uma crítica à ênfase hipervalorizada da subjetividade em detrimento dos problemas reais do mundo.

A psicoterapia ao personalizar e subjetivar todas as questões do mundo, acaba por despolitizar o sujeito, retirando-lhe a condição de cidadão.

Hillman, nesse mesmo momento, propõe uma nova conceituação de Self. Irá re-imaginar o Self como interiorização da comunidade. Também propõe uma nova releitura da Psicologia Arquetípica ao afirmar que o que deseja neste momento, sustentado pela idéias presentes na retórica da Anima Mundi: Beleza, Estética, profundidade, Interioridade, exercício político, é criar uma profunda psicologia da extroversão.

Obras fundamentais desse momento: o livro *“The thought of the Heart and The Soul of the World”*, *“Anima – anatomia de uma noção personificada”*, um belíssimo artigo publicado na Spring Journal em 1989 chamado de *“From mirror to window – Curing Psychoanalysis of it narcissism”* e o seu polêmico livro *“Cem anos de Psicoterapia e o Mundo Continua Cada Vez Pior”*.

É nesse período que Hillman apresenta o seu texto, o seu canto do cisne, chamado *“The Yellowing of the Work”*, que foi apresentado no Congresso da IAAP, em Paris, em 1989, em que ele comunica à comunidade junguiana o fim de suas atividades como analista.

Hillman abandona a prática clínica e segue suas atividades como escritor, palestrante e praticando psicologia com grupos maiores

E, finalmente, segundo a definição que David Tacey coloca, Hillman entra na sua fase Pop. Ele retorna ao essencialismo platônico e às categorias metafísicas com o livro *“O Código do Ser”*. Segundo Tacey, independente de concordarmos ou não com sua opinião — é algo que deve ser discutido com atenção — Hillman aqui cede ao desejo de se tornar amplamente reconhecido e em aumentar o seu número de leitores; não é à toa que o *“O*

*Código do Ser*”, durante um ano, foi best seller no “ The New York Times”, na seção dos livros mais vendidos e é também, o livro mais vendido de Hillman em toda a sua carreira. Hillman entra num circuito internacional de conferências e entrevistas. Faz uso de uma linguagem mais acessível e menos erudita. “ *O Código do Ser*” e “*Tipos de Poder*” são livros correspondentes a essa fase. É um momento delicado da obra deste pensador, porque ao mesmo tempo em que ele não é mais considerado pelos junguianos clássicos, estes já o haviam abandonado há muito tempo, os junguianos pós-modernos sentem-se confusos e traídos por ele. Nada mais coerente com a trajetória do Hillman, um homem movido pelo signo de Hermes/Mercúrio – defende uma idéia ardorosa em um livro, em outro revê seus conceitos e aponta para outra direção, seus pensamentos sempre resistindo a serem coagulados em determinados sentidos. Nada mais coerente com seu espírito puer, inovador e criativo.

Aqui Hillman revela outra faceta de seu Daimon: Aquele que resiste a ser seguido, a ser tomado como um líder, operando sempre mudanças de direção e , com isto, frustrando aqueles que o seguem a reconhecer aonde ele foi e o que se tornou. Temas que deliberadamente ele desprezou podem, subitamente, tornar-se alvo de seu interesse e pedra angular de novos trabalhos seus. Uma idéia amplamente e intensamente defendida em um livro , pode virar apenas uma lembrança depois de algum tempo. Estes são os efeitos de alguém que escreve impelido pela obediência ao seu espírito mercurial.

Fiel a uma retórica plural e múltipla, que tanto caracteriza a Psicologia Arquetípica, Hillman se recusa, a meu ver astutamente, a ocupar um lugar de verdade absoluta, lugar de referência última, lugar de Pai Fundador ou de Mestre Originário.

Hillman se nega a ser aquele que é o possuidor de uma palavra final, definitiva, isto é, recusa-se a ocupar um lugar central nesses encontros. Hillman funciona menos como uma imagem de Self fixa, estática, centralizadora e estabilizadora dos sentidos e se coloca inteiramente à disposição das forças arquetípicas de Hermes. Hillman é um verdadeiro aprendiz de Hermes: oscilante nos pensamentos, enigmático em sua linguagem, volátil com as idéias, impossível de ser capturado em qualquer definição, proposição fixa.

É neste sentido que pretendo demonstrar três momentos específicos onde Hillman polemiza com o seu próprio trabalho, onde ele próprio se torna alvo do seu método ou em outras palavras: Hillman revendo Hillman.

Em 1992, Hillman publica o livro *“Cem anos de psicoterapia e o mundo está cada vez pior”*, um diálogo e uma troca de cartas com o escritor de Los Angeles Michael Ventura. Neste livro, Hillman volta suas baterias contra o lema que durante quinze anos o orientou e sustentou as principais idéias da Psicologia Arquetípica, isto é, a frase do poeta John Keats: *“Chame o mundo de vale de fazer alma e só assim compreenderá para o que ele serve”*. Citando Hillman:

Quero deixar claro que a frase de Keats, que sustentou minha terapia durante tanto tempo, contém um erro básico! Na verdade, ela negligencia o mundo, apesar de encontrar uma utilidade anímica para ele. Você passa pelo mundo e faz sua própria alma. Mas e a alma do mundo? E a Anima Mundi, quem a faz?  
( Hillman, 1995,p.54)

Neste livro, Hillman reconhece o equívoco do sentido que norteou a sua prática da psicologia arquetípica durante muito tempo e busca se corrigir. A análise , ao direcionar todas as emoções da vida para si mesma, desvia a libido objetal para uma reflexão narcísica de si mesma.

A saída para Hillman é fazer com que o continente da análise possa ser rompido para que a libido objetal se volte, novamente, para o exterior: pois para Hillman *“a libido objetal é somente um nome psicanalítico para o impulso que ama o mundo, o desejo erótico por Anima Mundi, pela alma do mundo.”*

Propôr uma psicologia da Anima Mundi é convidar o sujeito a iniciar uma relação de intimidade com a alma do mundo e com seus objetos. E não, apenas objetos, sejam eles naturais ou feitos pelo homem, mas também situações e acontecimentos são possuidores de alma. A partir de uma perspectiva da Rubedo, a realidade psíquica da alma do mundo se torna disponível a nós imaginalmente. Não há como separar a alma em nós da alma dos outros – onde outros aqui, significa não somente pessoas, mas tudo o que nós possamos considerar como meio-ambiente. Consequentemente, a partir desta perspectiva , não se torna mais possível trabalhar com a noção clássica de Individuação e com suas retóricas como *“minha viagem”*, meu *“processo”* ou *“minha jornada”*, a frenética procura cega de um Self interior a ignorar a individuação da alma do mundo e das coisas do mundo. O cultivo da alma não deve ser necessariamente identificado com introversão ou com a

negação da realidade do mundo da matéria e dos objetos. Não há possibilidade de se cultivar a alma, nos centrando exclusivamente no Self, e excluindo o mundo.

Em 1989, em artigo chamado “*Back to Beyond – On Cosmology*”, Hillman escreve sobre qual o lugar da metafísica dentro das idéias que sustentam a construção teórica da Psicologia Arquetípica.

Cito Hillman:

No meu trabalho até agora tenho evitado a metafísica. Eu tenho me mantido dentro da tradição crítica. O trabalho da psicologia que eu denominei “seeing through” (ver através) e o psicologizar.

A psicologia profunda do “fazer alma” como tenho formulado é a sua via negativa. Sem ontologia. Sem metafísica. Sem cosmologia. Um cavaleiro errante, sempre diante de uma luta, iconoclástico. A reivindicação da Psicologia Arquetípica para a positividade tem sido sua insistência paradoxal em permitir que as sombras sejam iluminadas por sua própria luz. – haja vista as relações com a psicopatologia: o mundo das trevas, depressão, suicídio, senex, e as patologias do puer.

A insistência tem sido no vale do soul-making, posicionando-se no vale da sombra, as vezes até indo contra o iniciador de minha própria tradição, Jung, por sua visão ascensionista, seus pronunciamentos a respeito do sentido da vida feitos a partir do topo de uma montanha, as visões de mundo, as teorias tipológicas generalizantes, o Self e as mandalas. Tenho tentado seguir o Jung psicólogo da alma, mas não o Jung metafísico do espírito. E, por todo o seu ímpeto pueril e cheiro de alma, meu trabalho tem sido rigorosamente dedicado a táticas básicas, à disciplina da imagem, do fenômeno, das patologias, numa forma de um ceticismo crítico. Porém, algo além é necessário, e tenho conhecimento disso há algum tempo.”

(Hillman, 1989, p.214)

E no mesmo texto comentando um encontro cujo título foi “Ciência e Consciência” realizado em Cordoba, na Andaluzia, com a presença de vários pensadores como David Miller, Gilbert Duran, David Bohm, entre outros, Hillman comenta:

Entendi, então, porque Corbin, durante os últimos dias dos encontros na Espanha, tinha se tornado tão proeminente e eu compreendi o que era esperado de Jung: é para ele como metafísico que muitos recorrem, e sou sem dúvida um desviante desta linha principal de interesse em Jung porque tenho evitado, e até mesmo trabalhado para anular, sua metafísica para não perder sua psicologia. Porém em Córdoba eu percebi que psicologizar não era suficiente. A tradição crítica de “seeing through”, do perspectivismo, da ambigüidade metafórica, do relativismo e da des-substancialização – minha via negativa no vale do fazer alma – é necessário, mas não suficiente. É insuficiente tanto internamente quanto externamente.

(...) Me ocorreu em Córdoba que o que eu estava fazendo era meramente outra linha ocidental de ceticismo e niilismo. Pior: por recusar a entrar na metafísica eu estava incitando o declínio da civilização para dentro da catástrofe do niilismo concretizado. Minha via negativa, mesmo diferente em conteúdo pelo seu chamado ao “soul-making”, a vivificação da imaginação e a restauração dos deuses, ainda assim retinha como método crítico, análises céticas tais como encontramos no existencialismo básico, na filosofia lingüística, no operacionalismo, e teorias de desconstrução. Seria eu tão diferente daqueles aos quais eu me oponho? Uma coisa tínhamos em comum: o fracasso em lutar de forma construtiva e positiva com a metafísica.

(...)O que faz a alma – fantasiar imagens – tem sido condenado pela metafísica como inverdade, irreal, e amoral. Pode alguém estar na alma e, ainda assim, levar a sério as necessidades da alma de ir além? Tenho literalizado a necessidade de se manter com a alma através de se manter preso na alma. Em outras palavras, como preencher a sugestiva frase de Jung esse in anima(CW 6:78-80) com uma metafísica psicológica? ( Hillman, 1989, p.216-217)

Ao revêr a sua posição sobre a questão da metafísica, considerando-a a partir deste momento como uma necessidade legítima da alma em ir além, Hillman desenvolve todo o restante do texto em direção a uma proposta de construção daquilo que chamará de uma “Cosmologia Psicológica” sustentada na idéia de que que os planetas são e fazem, o que acontece para além dos assuntos humanos, pode ser calculado astronomicamente e astrologicamente, ou seja, a matemática dos movimentos literais dos planetas de fato. O que vai além também pode ser imaginado psicologicamente através de ficções míticas: o além quase literalmente uma região mítica. Até literalmente uma região mítica de poiesis, produzindo imagens. Segundo Hillman (1989), ao contrário de outros tipos de princípios primários que são alcançados através da intuição da auto-evidência ou através do raciocínio dedutivo ou indutivo, essa região é acessível à imaginação. Mais do que simplesmente acessível: ficções míticas estimulam a imaginação. Elas geram imaginações mitológicas e posteriormente a liberdade especulativa da alma.

E finalmente em 1996, em um artigo chamado “ *Psychology – Monotheistic or Polytheistic* ”: *Twenty –five years later* , Hillman revê aquele que foi um dos textos clássicos e fundadores da Psicologia Arquetípica.

Ele comenta que o trabalho de vinte cinco anos atrás possuía como intenção expandir a psicologia para além do consultório em direção a filosofia e à mitologia por um lado e por outro buscar chamar a atenção das teorias terapêuticas de volta para a grave cisão existente no seio da cultura ocidental, ou seja, a oposição entre pagãos e cristãos, entre o politeísmo e o monoteísmo. Hillman recorda o texto lembrando o caminho percorrido por seu pensamento na época. Afirma que este conflito histórico persistiu durante séculos e nunca foi deixado de lado, ressuscitando em poetas, pintores e compositores que tentavam restaurar os mitos e deuses antigos, nos festivais folclóricos com seus traços evidentes de paganismo mediterrâneo, e na controvérsia teológica a respeito das imagens promovida pelos concílios da igreja cristã e no julgamento dos hereges. Este conflito entre monoteísmo e politeísmo também se constelou dentro prática psicológica onde as forças pagãs voltaram a emergir com toda a sua potência, como bem assinalaram Freud e Jung apontando os mitos nas patologias e os deuses nas doenças.

E , novamente, como aqui tenho tentando demonstrar, Hillman opera a sua revisão, escrevendo:

e, como você bem sabe naquele trabalho de 25 anos atrás, eu tentei rejuvenescer a consciência apagada da guerra entre monoteísmo e politeísmo lançando-me inteiramente na batalha no lado do politeísmo pagão.

O que eu ainda não tinha reconhecido e agora começo a ver é que uma visão monoteísta informou meus próprios olhos ao ler e interpretar a posição monoteísta. Em outras palavras, eu estava lutando na minha maneira marcial – destemperada, inflexível, e cega – não como um antigo romano pagão, mas sim com as mesmas atitudes, quase fanáticas, daqueles a quem eu estava atacando!!! Eu lidei com a bíblia com o mesmo literalismo da qual a acusei.

(...) E como um pagão leria aquelas páginas?

Quero demonstrar como podemos rever, até revisar, histórias bíblicas fundamentais de modo que nosso método de leitura e de significar originários da leitura concordem com o sentimento pagão. Por este “sentimento pagão” entendo um estilo que receba o mito, as personificações, a fantasia, a complexidade, e especialmente o humor, ao invés uma significação única que leva ao dogma. Agora, quando nos voltarmos para a Bíblia será com um olhar renovado de 25 anos de sensibilidade mítica e compreensão metafórica.

( Hillman, 1996, p.112)

Nestes três momentos, surpreendentemente, testemunhamos a confissão que Hillman faz em relação à sua própria posição teórica, ou seja, James Hillman, o grande desliteralizador arquetípico do pensamento junguiano, se reconhece sendo capturado pelo fervor do literalismo em alguns de seus textos e percebendo-se mais idêntico do que gostaria de acreditar aqueles aos quais, em alguns momentos de sua obra, foram alvos de sua implacável fúria marcial.

Porém, desta observação, quero privilegiar um aspecto que particularmente me interessa: Ao operar essas revisões do seu próprio trabalho, Hillman, conseqüentemente abre espaço e inaugura a possibilidade de se pensar a Psicologia Arquetípica não como um sistema fechado de idéias ou como um bloco estático de pensamentos que possam funcionar como estatuto de dogmas, mas pelo contrário, ele nos faz um convite para que a Psicologia Arquetípica possa ser imaginada, re-imaginada, metaforizada a partir de diferentes lugares, percursos, pontos de vista, olhares e histórias, se ofertando para um campo de infinitas significações.

Ao praticar o corajoso ato de revisar seu texto, Hillman opera sobre a Psicologia Arquetípica seu próprio veneno, *pharmakon*, a transformando-a numa imagem, no senso íntimo hillmaniano, isto é, do trabalho de deslocamento de um evento numa experiência dotada de valor psicológico. Ao libertar a imagem “ Psicologia Arquetípica” do aprisionamento num sentido fixo, Hillman faz com que aquele que se interesse por suas idéias venha a produzir uma relação particular e singular com este grupo de idéias chamado “ Psicologia Arquetípica”. A esta tarefa, proponho nomear como a tarefa de criação da individuação do texto.

Há aqui e esta é minha interpretação, um elogio a possibilidade de se Ter múltiplas transferências com um autor e sua obra, ou seja, a cada revisão um novo texto, uma nova leitura, uma nova imagem, produzindo incessantemente novas redes polissêmicas a gerar inéditas interpretações, extendendo e ampliando de modo rizomático as fronteiras do alcance da Psicologia Arquetípica em suas infinitas metamorfoses dos sentidos.

Diferentes interpretações do texto de Hillman produzem e renovam o próprio texto de Hillman. Mercurius Duplex como prática e ética de leitura.

Em simpósio coordenado por Hillman em 2000 na Califórnia, cujo título era “ *Archetypal Psychology: Retrospective and recent acquisitions*”, perguntado sobre se considerava ser o

fundador de uma nova escola de pensamento, Hillman respondeu: “ Não sou o fundador único de uma escola. Não há uma única Psicologia Arquetípica. O que existem são várias psicologias arquetípicas” e citou seus vários expoentes: Paul Kugler, David Miller, Ginete Paris, Wolfgang Giegerich, Stanton Marlan, Noel Cobb, entre outros.

Não será este o traço de pluralidade que também caracteriza a prática e o ensino da Psicologia Arquetípica e das próprias idéias de James Hillman no Brasil?

Afinal, quantas leituras de Hillman existem no Brasil?

A resposta só pode ser plural: muitas. Do pioneiro trabalho de tradução e ensino das idéias de James Hillman feito pelo analista junguiano Gustavo Barcellos ao original projeto de tratamento da dependência química a partir das idéias da Psicologia Arquetípica proposto por John Burns na Vila Serena também em São Paulo, do interesse de Farley Valentin do grupo junguiano “Sizígia” em Fortaleza ao rigoroso conhecimento do pensamento de Hillman e Giegerich de Joel Brinco Nascimento em Vitória no Espírito Santo, do trabalho do grupo Kairós nos nomes de Ajax Salvador, Rosa Blanco, Wladia e outros ao grupo Himma – Estudos em Psicologia Imaginal com os trabalhos de Santina Rodrigues, André Mendes, Aline Fiamenghi, Sérgio Anaute e outros, como também , ao nosso próprio grupo Rubedo nos nomes de Carlos Bernardi, Henrique Pereira, Marta Chagas, Luiz Granato e o meu próprio nome, em sua longa relação com o pensamento de James Hillman.

Vários grupos, diversas leituras, diferentes interpretações, muitos “ *Hillmans*”.

É neste elogio a pluralidade e a multiplicidade, marcas identitárias do pensamento de Hillman, que penso eu, a psicologia arquetípica pode se proteger daquela que pode se constituir como o avesso do seu discurso, ou seja, a paranóia.

A paranóia, seu discurso e sua razão, são a morte da Psicologia Arquetípica.

Não me parece ocasional que Hillman tenha feito deste tema um dos seus mais importantes livros. “ *Paranóia* ” foi o tema de sua palestra proferida em Eranos no ano de 1986.

Neste livro, Hillman apontará dois aspectos fundamentais presentes na paranóia: A primeira aponta que a paranóia é uma desordem do significado e se o arquétipo do significado é o Self, logo a paranóia é uma desordem do Self e o segundo aspecto onde Hillman propõe que na paranóia há uma prevalência do literalismo sobre a realidade metafórica presente em cada evento psíquico, isto é, a paranóia é a demência do literalismo e o fracasso da arte da

metáfora. Porém, quero ir além destes dois termos apontados por Hillman e propôr mais uma leitura: A paranóia como a “ tirania da unificação ou a maldição do Um”.

O que seria exatamente isto?

O que o saber da clínica nos ensina é que diferentemente da experiência esquizofrênica que é caracterizada por um alto grau de dissociação e fragmentação, na paranóia a questão do sentido está sempre presente. Aliás, a paranóia é o império do sentido, sentido este que dirige-se sempre contra o sujeito. Porém, vamos ressaltar esta dimensão: é sempre um sentido único, invariável, fixo, unívoco. Logo, podemos concluir que todo paranóico é narcísico por excelência, pois tudo está sempre diretamente remetido à sua pessoa. O paranóico é um auto-referente, o que muitas vezes explica o caráter megalomaniaco de seus delírios.

Esta megalomania aparece sob a forma de várias imagens na paranóia, pois o sujeito se acha e acredita ser o centro do mundo. Todos o olham, todos falam dele, todos o odeiam, todos o querem destruir, todos o amam. Conseqüentemente, para o sujeito paranóico, a traição é iminente, há espiões por todo o lado, sempre. Não se pode descuidar, sequer confiar, é preciso ser vigilante todo o tempo sob o risco de ser traído a qualquer instante. O paranóico não confia, vigia. Um detalhe fundamental: o paranóico sempre se manifesta com o sentimento de ser único , acreditar-se único é sempre paranóico. Esta crença em ser o único é o que leva o paranóico a querer se colocar, sempre, como modelo para os outros. O paranóico é aquele que sabe o que é bom para os outros, é conhecedor dos melhores caminhos, sabe fazê-los agir do modo mais correto nas questões da vida comum.

Acreditar ser o único gera como consequência inevitável toda espécie de fantasia de traição, complôs, desconfianças e suspeitas visto que para ele, todos os outros que não o admiram , irão querer destruí-lo do lugar que acredita ocupar.

Temos então, aquilo que poderíamos chamar de um fenômeno extremamente presente na dinâmica paranóica, o delírio de traição. Ao se designar líder de algum grupo, seja ele qual fôr, o paranóico inevitavelmente designa entre seus seguidores, aquele que o irá trair, como no delírio de ciúmes. Assim podemos compreender toda a paranóia de massa e o ambiente de terror que podem se desenvolver em grupos liderados por um sujeito paranóico, que interpretará, sempre a partir da auto-referência, toda ação de seus seguidores dirigidas a ele

de forma hostil, ou seja, como um motivo de complôs, conspirações e golpes para derrubá-lo de seu poder.

Não seria esta uma das causas das intermináveis histórias de cisões e separações que marcaram o percurso dos grandes pensadores do inconsciente: as relações Freud-Jung, as de Lacan com a IPA, e tantas outras? Seria a dinâmica paranóica a condição sombria inconsciente de qualquer instituição grupal? Qualquer agrupamento humano?

Não seria também desta armadilha paranóica que Hillman escapa ao percebermos que nunca foi seu desejo querer fundar um instituto ou qualquer outra espécie oficial de instituição de formação em Psicologia Arquetípica? Poderíamos pensar que a errância e o nomadismo de Hillman representado pelos seus sucessivos deslocamentos – na década de setenta na Universidade de Dallas junto com Robert Sardello, Patricia Berry e Gail Thomas, nos anos oitenta, em Londres com Noel Cobb e Eva Loewe no London Convivium for Archetypal Studies e nos anos noventa na Pacifica Graduate Institute com Mary Watkins, Ginette Paris e David Miller – funcionaram como antídotos contra a trama paranóica de querer acreditar ser modelo de exceção para todos?

Ao se recusar a se fixar em um determinado ponto revendo sua obra constantemente, Hillman escapa do literalismo paranóico da leitura correta, isto é, da crença paranóica na existência da leitura correta, definitiva, final e unívoca. A crença no sentido único é a condição de morte da pluralidade das diferenças.

Ao propôr diferentes perspectivas de leitura do seu texto, abrindo-o para o campo multifacetado de significações, Hillman escapa de cair na tentação da paranóia do Um, da tirania da unificação, de se posicionar como sujeito da exceção que se acredita ser único. A polêmica como antídoto contra a paranóia. Psicologia Arquetípica como método anti-paranóico.

Se a razão paranóica é o lugar do discurso homogêneo, centralizador, apagador das diferenças e promulgador de um lugar de verdade e saber único em relação à realidade, Hillman, mercurialmente, fiel ao seu espírito Puer e a sua descendência astrológica: plutão em ascensão, sol e lua em Áries, um “filho de marte”, resiste a ser capturado por esta trama.

Lutar contra a paranóia é defender a multiplicidade e a diferença como condições fundadoras de qualquer possibilidade de exercício do cultivo da Alma, o amor pelas

imagens. Trata-se aqui de um imperativo ético em nome da liberdade de expressão das imagens e do livre exercício do pensamento e das idéias. Esta é a batalha, este é o combate. Finalizando, para lutar contra a paranóia da tirania da unificação, do pensamento único, é necessário que exista um verdadeiro amor pela guerra: Guerra não como aniquilação do outro, mas guerra como condição de respeito pela alteridade, resgate do heterogêneo, luta a favor do imperativo ético, pelo convívio das diferenças, amor pelo outro da diferença. Eros e Marte. Afrodite e Ares. Juntos.

Este é o convite:

Sejam bem vindos à guerra!

Marcus Quintaes

Jungian Psychoanalyst

[quintaes@rubedo.psc.br](mailto:quintaes@rubedo.psc.br)

Brazil – Rio de Janeiro

#### Referências Bibliográficas:

- DONLEAVY, P. ( 1993). The Round Table Press – Review of Contemporary contributions to Jungian psychology.
- HILLMAN, J. ( 1989). “ Back to beyond: On Cosmology” in David Ray Griffin ( ed) .Archetypal Process – Self and Divine in Whitehead, Jung and Hillman. Northwestern University Press. Evanston, Illinois.
- HILLMAN, J.; Ventura.M (1995) Cem anos de psicoterapia... e o mundo está cada vez pior. São Paulo: Summus.
- HILLMAN, J. (1996)“ Psychology – Monotheistic or Polythistic: Twenty –five years later” In Spring – A Journal of Archetype and culture. Spring publications. Woodstock –Connecticut.
- HILLMAN, J. (2004) The terrible love of war. The Penguin Press – New York

- HILLMAN, JAMES ( 2006). Jan Marlans interviews James Hillman. IAAP Newsletter 26. P.191-195
- KIRSCH, T. (2000). The Jungians – A comparative and historical perspective. Routledge. London and Philadelphia
- QUINET, A. ( 2003). Teoria e Clínica da Psicose. Forense Universitária.Rio de Janeiro
- TACEY, D. ( 1988). “ Twisting and Turning with James Hillman: From anima to world soul, from academia to pop” In Ann Casement. Post-Jungians Today – Key papers in contemporary analytical psychology. Routledge. London and New York